

PRESENZA AGOSTINIANA



edição digital

janeiro/fevereiro de 2026 - nº 1

AGOSTINIANOS DESCALÇOS EM MISSÃO



Missão e teologia

Análise da Sagrada Escritura
e da História da Igreja

Missão *ad gentes*

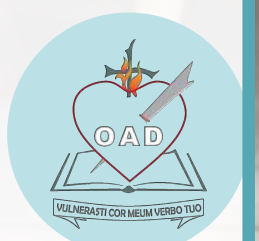
Parte integrante da
espiritualidade agostiniana descalça

Missão ontem

Elementos históricos, biográficos
e culturais do Tonkim de 1600

Missão hoje

Agostinianos Descalços
nos Camarões e na Ásia





Presenza Agostiniana

Revista bimestral

Ordem dos Agostinianos Descalços
Anno LIII (53) - nº 1 (vol. 278)
edição digital
janeiro/fevereiro de 2026

Diretor responsável

Calogero Ferlisi (Fr. Gabriele, oad)

Redação e administração

Cúria geral da Ordem dos Agostinianos Descalços
Piazza Ottavilla, 1 - 00152 - Roma
e-mail: curiagen@oadnet.org
pec: curiagen@pec.it
Tel.: +39 06 589 6345
WhatsApp: +39 324 089 3400

Capa, paginação e publicação

Fr. Diones Rafael Paganotto, oad

Imagem da capa

Grupo de pessoas assistidas pela Comunidade de Ho Chi Minh (Vietnã) no abrigo Mãe de Consolação

Todos os volumes - online

oadnet.org/presenza-agostiniana/

Colaboração e doação

PAYPAL ou CARTÃO (crédito ou débito)



Sumário

05. Teologia da Missão

Análise da Sagrada Escritura e da História da Igreja

Fr. Michael Tukov, oad

08. Missão *ad gentes*

Teologia e espiritualidade agostiniana

Fr. Diones Rafael Paganotto, oad

13. Agostinianos Descalços em missão

Indicações de história e espiritualidade

Fr. Eugenio Cavallari, oad

16. Missão OAD no Tonquim

Síntese de elementos históricos, biográficos e culturais com base em fontes arquivísticas

Fr. Dennis Ruiz, oad

20. Missão OAD hoje

Presença e desafios no Sudeste Asiático

Fr. Harold Toledano, oad

26. Missão OAD hoje

Presença e desafios nos Camarões

Fr. Serge Kwanda, oad

29. Agostinianos Descalços em Roma

Exemplos de representação visual e (auto)representação ao longo dos séculos

Renske de Vries

34. Algumas fotos

Partilhando um pouco da nossa vida

39. Mensagem do Prior geral

A importância de ser missionários

Fr. Nei Márcio Simon, oad



Editorial

Os Agostinianos Descalços e a Missão *ad gentes*

Caros leitores,

com este número de *Presenza Agostiniana*, voltamos a refletir sobre a dimensão missionária da Ordem, em continuidade com o vol. 126 (maio/outubro de 1997), que celebrou o 3º centenário de nossas missões em um ano jubilar. Convidamos os nossos leitores a reler aquele número, que permanece um ponto de referência para compreender as raízes e o desenvolvimento de nossa presença missionária.

O presente número oferece um percurso orgânico que entrelaça fundamento teológico, memória histórica e atualidade.

Este número da revista abre-se com a *Teologia das missões*, com uma análise da Sagrada Escritura e da História da Igreja acerca da missão; segue-se *Missão ad gentes* em uma releitura à luz do carisma e da espiritualidade agostiniana; *Agostinianos Descalços em missão* traça o caminho teológico e missionário da Ordem; um olhar específico é dedicado à nossa *Missão no Tonquim do século XVII*, que oferece uma síntese histórica e documental das primeiras experiências

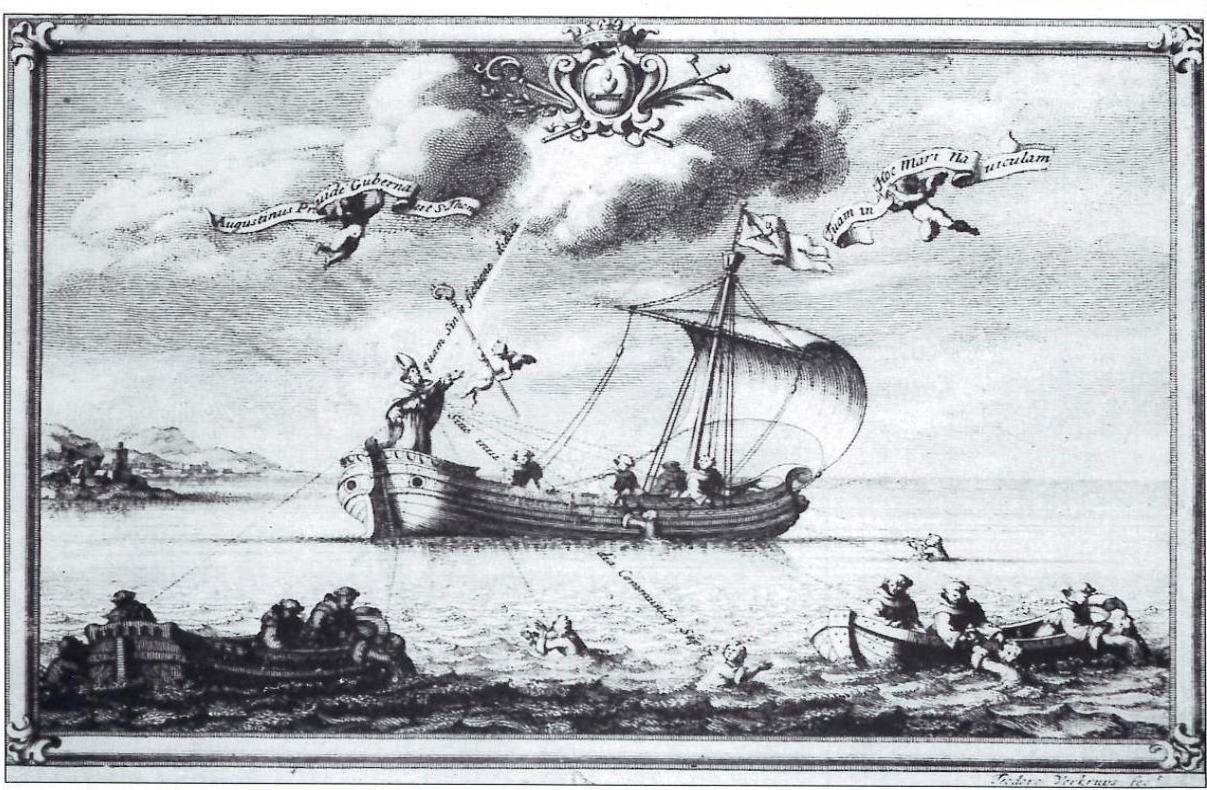
asiáticas; por fim, a apresentação das *Missões da Ordem hoje* no Sudeste da Ásia e nos Camarões, apresenta a continuidade e os novos desafios pastorais.

Memória, reflexão e compromisso entrelaçam-se nestas páginas, para recordar-nos que a missão não pertence apenas ao passado da Ordem, mas constitui uma dimensão viva e permanente de sua vocação na Igreja.

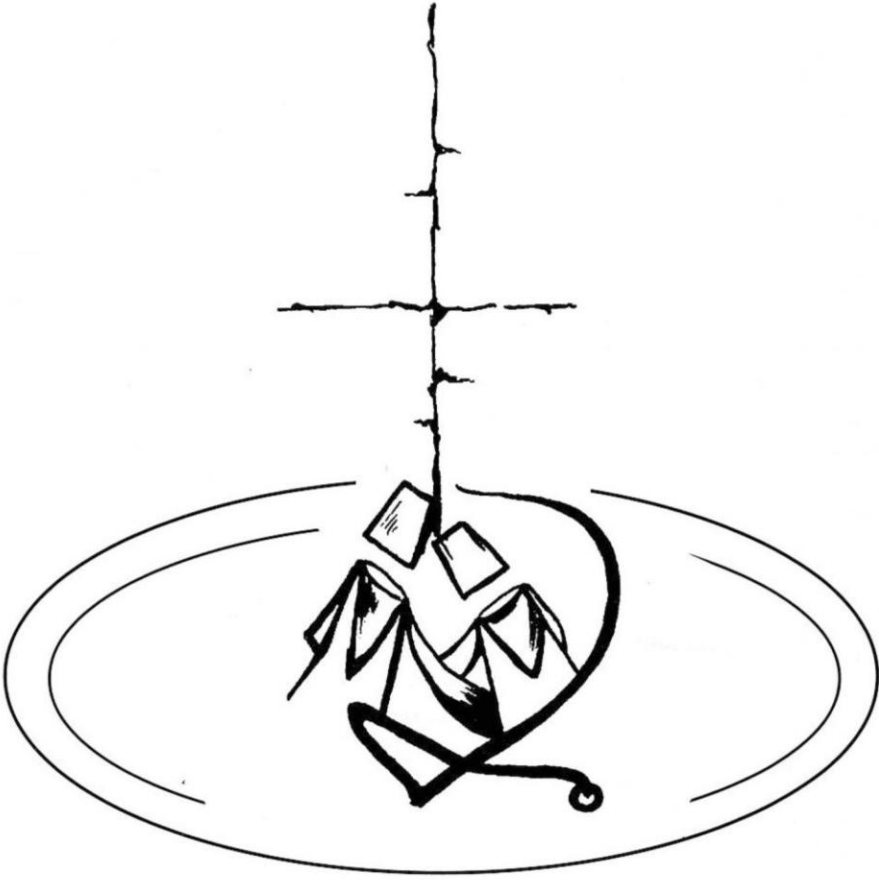
Boa leitura.

presenza agostiniana

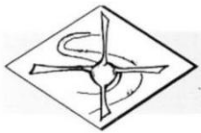
AGOSTINIANI SCALZI



*Servire l'Altissimo
in spirito di umiltà*



3-5
Maggio-Ottobre
1997



Storia

GLI AGOSTINIANI SCALZI NEL VIETNAM E NELLA CINA

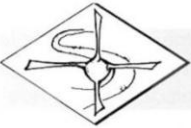
Pietro Scalia, OAD

Premessa

La storia delle missioni degli agostiniani scalzi in Oriente (Vietnam e Cina) comprende un arco di oltre 120 anni: inizia il 6 dicembre 1696 con l'accettazione da parte della Congregazione di Propaganda Fide dei primi due missionari, P. Alfonso Romano della Madre di Dio e P. Giovanni Mancini dei Ss. Agostino e Monica, e si conclude il 29 gennaio 1821 con la morte dell'ultimo missionario, P. Adeodato di S. Agostino, avvenuta in Manila, dove egli si era rifugiato dopo la sua espulsione dalla Cina. Un arco di storia certamente luminoso e ricco di frutti, che onora indubbiamente l'Ordine, segnandone forse la pagina più significativa. Storia, però, che per anni è rimasta quasi nascosta, come un fuoco che cova sotto la cenere, in attesa di essere riattivato.

Il merito di aver riscoperto questo fuoco nascosto va all'opera indefessa di P. Ignazio Barbagallo¹, al quale l'Ordine deve eterna riconoscenza: nella sua vasta opera di ricerca storica non ha trascurato di riscoprire tutte le lettere dei nostri missionari, ed altri docu-

¹ P. IGNAZIO BARBAGALLO, OAD, nacque a S. Giovanni La Punta (CT) il 13 agosto 1914 e qui morì il 15 settembre 1982. Entrò giovanissimo nell'Ordine e vi ricoprì diverse cariche importanti, quali: Definitor Generale, Priore Provinciale, Maestro dei novizi e dei chierici. Dotato di rara intelligenza, di luminosa memoria, di coraggio e di costanza certosina, ha passato buona parte della sua vita in un impegno instancabile alla ricerca della memoria storica dell'Ordine, nonostante le sue malattie, fra cui una forte forma asmatica che lo costringeva a terapie continue e fastidiose. Da questa sua passione e da una indefessa ricerca archivistica sono nate diverse pubblicazioni sulla spiritualità e sulla storia dell'Ordine, che ne hanno ampiamente arricchito il patrimonio culturale. Per il suo impulso, soprattutto negli anni in cui era maestro nel clero generale di Gesù e Maria, si è risvegliato nei giovani religiosi l'amore alla storia e l'entusiasmo per il carisma dell'Ordine. Non ha trascurato di interessarsi alla ricerca storica più in generale, con due importanti pubblicazioni: "Frosinone, lineamenti storici dalle origini ai nostri giorni", Frosinone 1975, pp. 468, e "S. Gregorio da Sassola dall'antichità ai nostri giorni", Tivoli 1982, pp. 320. Ha scritto inoltre diverse biografie e libri di spiritualità per altri Istituti religiosi. Forse le cose più pregevoli sono ancora nascoste nel ricchissimo archivio personale, quasi totalmente inedito ed inesplorato, che attualmente si trova nella casa generalizia. In altra parte riportiamo una bibliografia essenziale delle sue pubblicazioni di storia e spiritualità dell'Ordine.



Spiritualità

LA SPIRITUALITÀ MISSIONARIA DEGLI AGOSTINIANI SCALZI

Gabriele Ferlisi, OAD

I - FASCINO E SOFFERENZA DELLE MISSIONI

La "storia delle missioni" è certamente una delle pagine più belle ed esaltanti, ma anche più sofferte e incomprensibili, della Chiesa nella sua lunga storia bimillenaria. Essa riflette gli stessi chiaroscuri e la dialettica interna della "storia della missione" della Chiesa. Infatti, l'una e l'altra, "storia delle missioni" e "storia della missione", pur non identificandosi, di fatto si richiamano e si spiegano a vicenda. La storia delle attività dà concretezza allo spirito missionario, la dimensione missionaria postula e dà valore alle iniziative apostoliche. Filantropia e carità, socialità e soprannaturalità, amore del prossimo e amore di Dio si richiamano e si completano.

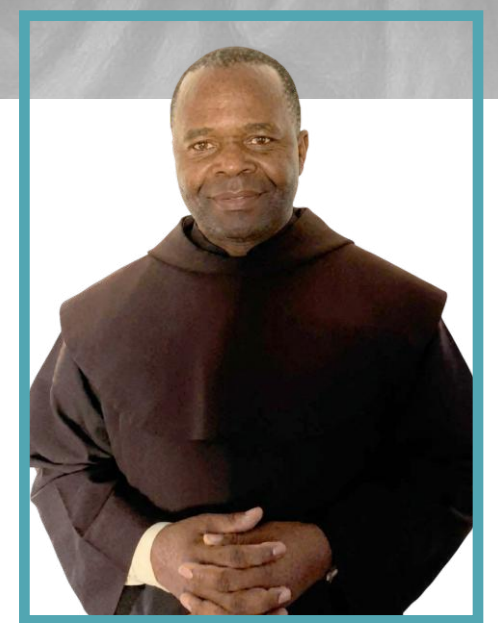
1. Il fascino

Il fascino proprio di questa complessa storia missionaria si deve soprattutto al fatto che essa è storia di amore, scritta a caratteri d'oro dall'eroismo di quanti generosamente e con innumerevoli sacrifici hanno messo la propria vita a totale servizio del Vangelo. I missionari! Sono essi gli autori concreti della splendida pagina missionaria della Chiesa; gli uomini che fanno la storia; gli storici credibili che scrivono di proprio pugno da testimoni, non da studiosi. Sono essi - uomini e donne - le persone straordinarie che commuovono ed esaltano, e non per altro motivo se non perché sono semplici e coraggiose, umili e intrepide, ricche di fede e di immaginazione, essenziali, determinate, generose, altruiste.

La forza del loro impegno è di aver capito il valore oblativo della vita, cioè che essa è dono ricevuto da ridonare, progetto di salvezza e promozione integrale della dignità dell'uomo, per cui vale la pena donarsi radicalmente senza risparmio¹.

Più precisamente, la loro forza è di aver preso sul serio Cristo e la Chiesa: Cristo, il pri-

¹ Confess. 10,43,70.



Teologia da Missão

Análise da Sagrada Escritura e da História da Igreja

Fr. Michael Tukov Womela, oad

A missão não é uma atividade secundária da Igreja, nem uma iniciativa nascida por exigências históricas contingentes. Ela afunda suas raízes no próprio coração de Deus, que se revela como Aquele que ama, busca e salva a humanidade. A teologia da missão nasce, portanto, da história da salvação e se desenvolve ao longo dos séculos na vida da Igreja. Esta contribuição pretende oferecer uma síntese bíblica e histórica do dinamismo missionário, mostrando como ele é parte integrante da identidade cristã.

1. Sagrada Escritura

a) Deus, o primeiro missionário

O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que Deus nos criou no amor e por **amor** (CIC 1). O amor é o princípio do seu agir em relação ao homem (1Jo 4,8).

Após a queda de Adão, o primeiro gesto de Deus é um gesto missionário: Ele desce ao jardim não para condenar, mas para buscar o homem e restabelecer uma **relação nova**: “Onde estás?” (Gn 3,9). Já aqui se torna visí-

vel a dinâmica da missão: Deus toma a iniciativa, vai ao encontro do homem e lhe promete a salvação (Gn 3,15). Deus é, portanto, na perspectiva bíblica, o primeiro missionário.

b) Israel, povo escolhido para a missão

Em sua pedagogia divina, Deus escolhe Israel como povo da aliança (Gn 12,1-3; Ex 19,5-6), em vista de uma missão.

O profeta Oseias descreve essa relação com a **imagem sponsal**: Israel é amado por Deus desde a infância, libertado da escravidão e conduzido à terra prometida, apesar de suas infidelidades: “Quando Israel era menino, eu o amei” (Os 11,1). Deus promete um tempo de retorno e de libertação: “Virão tremendo como pássaros do Egito e como pombas da Assíria” (Os 11,11).

Israel não é escolhido por privilégio, mas para o **serviço**, isto é, a chamada a ser luz das nações, que Isaías expressa com palavras fortes: “Eu te estabeleci como aliança do povo e luz das nações, para lebares a minha salvação até os confins da terra” (Is 49,6).



Israel torna-se, assim, figura e antecipação de Cristo, no qual a missão encontra o seu cumprimento. Bento XVI, em seu livro *Jesus de Nazaré*, afirma que Cristo já estava em ação no Antigo Testamento, preparando a sua vinda e guiando a história da salvação (Cl 1,15-17).

c) Cristo, cumprimento da missão

Jesus tem plena consciência da própria missão: *“Devo anunciar a boa-nova do Reino de Deus... para isso é que fui enviado”* (Lc 4,43). Jesus Cristo, da Encarnação à Cruz, revela o rosto do Pai (Jo 14,9) e realiza a salvação prometida desde a queda de Adão; sua missão começa no meio do povo e continua para a eternidade.

Cristo leva a **cumprimento** o projeto divino de restabelecer a comunhão com Deus e entre os homens de modo definitivo (Ef 2,14-16). Por isso, Paulo acrescenta: *“Justificados, pois, pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Rm 5,1). Desse modo, Cristo representa o ato supremo do amor “missionário” de Deus (Jo 15,13), que chama a humanidade a tornar-se sinal de sua redenção e salvação até os confins da terra por meio da Igreja fundada por Ele.

d) Igreja, nascida para a missão

A primeira comunidade dos discípulos nasce com uma clara orientação missionária: *“Eu vos farei pescadores de homens”* (Mt 4,19). Os apóstolos recebem um mandato universal: *“Ide, pois, e fazei discípulos todas as nações”* (Mt 28,19-20).

No dia de **Pentecostes**, o Espírito Santo transforma o grupo dos discípulos na Igreja missionária (At 2,1-11). Esse evento marca o início oficial da difusão do Evangelho entre os povos e representa a superação da dispersão de Babel (Gn 11,1-9).

A Igreja nasce como sacramento universal de salvação (*Lumen Gentium* 1). Ela existe para transformar toda a humanidade no povo de Deus. A missão não é uma atividade entre outras, mas a sua identidade mais profunda (*Lumen Gentium* 17).

2. História da Igreja

a) Missão na época apostólica e nos primeiros séculos

Já nas primeiras décadas da Igreja emerge a necessidade de adaptar o anúncio às diversas culturas. O **conteúdo do Evangelho** é único, mas as formas do anúncio variam.

Paulo torna-se, assim, o modelo do missionário: *“Fiz-me tudo para todos, para salvar a todo custo alguns”* (1Cor 9,22).

Os primeiros séculos veem a expansão da fé através das perseguições. O martírio torna-se forma eloquente de evangelização, em fidelidade às palavras de Cristo: *“Sereis odiados por todos por causa do meu nome”* (Mt 10,22).

Tertuliano afirma: *“O sangue dos mártires é semente de novos cristãos”* (Apologeticum 50,3), expressão que encontra eco no Evangelho: *“Se o grão de trigo, caído na terra, não morre, permanece só; mas, se morre, produz muito fruto”* (Jo 12,24).

b) Edito de Milão e o monaquismo missionário

Com o Edito de Milão (313), o cristianismo obtém liberdade e abre-se uma nova fase. Surge uma forma radical de seguimento evangélico, frequentemente definida como **fuga mundi**, que não é evasão, mas busca de autenticidade.

O monaquismo torna-se uma nova via missionária. Figuras como Antão Abade, no Egito, testemunham que a **radicalidade** evangélica já é anúncio.

O Papa Gregório Magno (590-604) dá um forte impulso à evangelização dos povos germânicos e anglo-saxões, respondendo ao mandato de Cristo: *“Ide por todo o mundo”* (Mc 16,15).

c) Idade Média e época moderna

No século XIII, o cristianismo se estende à **Ásia** graças aos missionários franciscanos e dominicanos enviados por Inocêncio IV com

as bulas *Dei Patris Immensa* (1245) e *Viam agnoscere veritatis* (1248). Também aqui a missão se desenvolve entre dificuldades e perseguições.

No **continente americano**, os jesuítas tornam-se protagonistas das missões, fundando as reducciones, comunidades organizadas para evangelizar, educar e promover o desenvolvimento humano, em fidelidade ao mandato de *“ensinar a observar tudo o que vos ordenei”* (Mt 28,20).

A presença cristã na **África** remonta já aos *Atos dos Apóstolos* (At 8,26-40) e aos primeiros séculos, com figuras como Vítor I, Antão Abade e Santo Agostinho. As missões na África subsaariana desenvolvem-se de modo mais sistemático na época moderna. Em 1864, Daniele Comboni elabora um plano para *“regenerar a África com a África”*, encarnando o princípio paulino da corresponsabilidade eclesial.

3. Conclusão

A missão tem sua origem no **coração de Deus** (Jo 20,21), manifesta-se na história da salvação e continua na vida da Igreja. Cada época gerou formas novas de evangelização, mas a essência permanece a mesma: anunciar Cristo, luz das nações (Lc 2,32), e construir uma comunhão que abraça todos os povos.

A **Teologia da missão** recorda-nos que cada cristão, em virtude do Batismo (Mt 28,19), é chamado a participar desta obra divina, para que o Evangelho alcance verdadeiramente *“até os confins da terra”* (At 1,8).

Missio Dei: conceito fundante para indicar que a missão não nasce da Igreja, mas do próprio Deus. A missão é participação na obra salvífica de Deus na história (Jo 20,21).

Evangelização: anúncio explícito da Boa-Nova de Jesus Cristo que implica proclamação, testemunho, conversão e transformação da vida (Mc 16,15).

Inculturação: processo mediante o qual o Evangelho se insere nas culturas, valorizando-as sem desnaturar-se, favorecendo um autêntico encontro entre fé e cultura.

Missio ad gentes: expressão clássica que indica a missão dirigida àqueles que ainda não conhecem Cristo; não diz respeito apenas a territórios geográficos distantes, mas também a contextos culturais secularizados ou indiferentes à fé.



Missão *ad gentes*

Teologia e espiritualidade agostiniana

Fr. Diones Rafael Paganotto, oad



Falar hoje de ***Missão ad gentes*** não significa evocar apenas um passado glorioso feito de grandes viagens, terras distantes e primeiros anúncios. Significa, antes, interrogar-se sobre o que quer dizer ser Igreja em um mundo profundamente transformado, atravessado por novas perguntas, novas pobreza e novas formas de busca espiritual.

O decreto ***Ad Gentes*** do Concílio Vaticano II continua a oferecer-nos uma bússola segura, não como um documento a ser arquivado, mas como uma palavra viva que pede para ser escutada e reinterpretada. O presente artigo propõe um percurso em etapas:

1. uma releitura dos núcleos essenciais do decreto;
2. um olhar sobre a missão nos diversos continentes onde a Ordem dos Agostinianos Descalços está presente;
3. uma releitura da missão inspirada em Santo Agostinho, que nos ajuda a reencontrar as raízes espirituais mais profundas da ação missionária.

1. *Ad Gentes*: Igreja em missão

O decreto *Ad Gentes* é dedicado à atividade missionária da Igreja. Foi aprovado com 2.394 votos favoráveis e 5 contrários pelos bispos reunidos no Concílio, e o Papa Paulo VI o promulgou em 7 de dezembro de **1965**.

O título *Ad Gentes* significa, do latim, **às nações** e provém das primeiras palavras do próprio decreto, que parte de uma convicção simples e radical: a Igreja não existe para si mesma. Ela nasce de um envio, de um **movimento** que tem origem no próprio coração de Deus. O Pai envia o Filho, o Filho doa o Espírito, e a Igreja é enviada ao mundo para continuar essa dinâmica de amor.

A missão, portanto, não é uma estratégia pastoral entre outras, mas o próprio modo de ser da Igreja. Isso muda o olhar: não se trata de “fazer missão” quando se tem tempo e recursos, mas de viver cada realidade eclesial, paróquias, comunidades religiosas, movimentos, com um respiro missionário.

O decreto insiste no fato de que a *missio ad gentes* possui um conteúdo preciso: **o anúncio de Jesus Cristo**. Não uma ideia, não um sistema moral, mas uma Pessoa viva. Contudo, o anúncio não se esgota na palavra. Quando o Evangelho cria raízes, gera comunidades, novas relações, formas concretas de vida cristã. Por isso, *Ad Gentes* fala com força do nascimento e do crescimento das Igrejas locais, chamadas a tornar-se responsáveis e missionárias por sua vez.

Um dos aspectos mais atuais do decreto é a atenção constante à **inculturação**. O Evangelho nunca chega a um terreno neutro: encontra línguas, símbolos, tradições, feridas e esperanças.

Evangelizar não significa cancelar as culturas, mas entrar nelas com respeito, discernindo aquilo que pode ser iluminado e transformado pela luz de Cristo. É um processo lento e paciente, que exige escuta e humildade.

2. Missão hoje: desafios nos continentes

a) Itália: evangelizar em uma terra “cansada”

A nossa Ordem nasceu e está presente em várias regiões da Itália, onde a missão já não se desenvolve em um contexto de primeira evangelização, mas em uma realidade marcada pela secularização, pelo distanciamento e, muitas vezes, por uma fé reduzida a tradição cultural. Aqui a missão assume os traços da nova evangelização: recomeçar do essencial, voltar ao Evangelho, testemunhar mais do que explicar.

O desafio não é tanto “dizer mais”, mas viver de modo credível. Comunidades acolhedoras, religiosos e religiosas capazes de escuta, um estilo simples e fraterno tornam-se já um anúncio.

b) Brasil e Paraguai: entre fé viva e fragilidades sociais

Desde 1948, a nossa Ordem está presente no Brasil e, mais recentemente, também no Paraguai, onde a fé popular permanece uma grande riqueza. Procissões, devoções e sentido do sagrado continuam a falar ao coração das pessoas, sobretudo das mais jovens e humildes.



Ao mesmo tempo, não faltam desafios: desigualdades sociais, migrações, novas formas de pobreza, crescimento de movimentos religiosos alternativos.

Aqui a missão é chamada a manter unidos o anúncio do Evangelho e a atenção concreta à vida das pessoas, sem separar fé e justiça, espiritualidade e compromisso social.

c) Camarões: Igreja jovem e dinâmica

A nossa missão em Camarões oferece a imagem de uma Igreja jovem, rica de vocações e entusiasmo. Contudo, essa vitalidade convive com dificuldades reais: tensões políticas, conflitos étnicos, fragilidades econômicas. A missão passa, então, pela formação, pelo diálogo e pela construção de comunidades reconciliadas.

A inculturação permanece um ponto-chave: o Evangelho deve continuar a encontrar as culturas locais, purificando-as e valorizando-as, sem cair no sincretismo.

d) Ásia: minoria, diálogo e testemunho silencioso

A Ásia apresenta uma realidade extremamente diversificada. Na Índia, o confronto com as grandes religiões é cotidiano; nas Filipinas, a Igreja vive uma forte identidade católica; na Indonésia e no Vietnã, o anúncio



frequentemente se desenvolve em condições de minoria e também de discriminação.

Na Ásia, a missão não se caracteriza por grandes números, mas é o lugar onde a Ordem mais cresce com novos membros e comunidades, através da fidelidade cotidiana, do testemunho silencioso e do serviço. Muitas vezes é uma missão que não faz ruído, mas aprofunda.

3. Santo Agostinho e missão

A reflexão de Santo Agostinho sobre a Igreja e a salvação conserva uma surpreendente atualidade para compreender a *missio ad gentes* em nosso tempo.

Em um contexto marcado por fragmentações culturais, tensões eclesiais e pluralismo religioso, o pensamento agostiniano ajuda a reencontrar o centro da missão, evitando tanto o ativismo estéril quanto uma espiritualidade desencarnada.

a) Unidade e *Christus Totus*

Para Agostinho, a missão nunca é uma ação individual ou simples soma de iniciativas. Ela é sempre **eclesial**, porque nasce da unidade do Corpo de Cristo. Uma Igreja dividida perde credibilidade, pois o anúncio do

Evangelho é autêntico somente quando sustentado pela caridade vivida. A unidade não é elemento secundário, mas critério da verdade.

Essa visão se expressa na célebre **doutrina do *Christus Totus***: Cristo é a Cabeça inseparável de seus membros. A missão não visa apenas à salvação de almas individuais, mas à edificação desse Cristo total, no qual a humanidade dispersa é progressivamente reconduzida à unidade.

Como afirma Agostinho: “*É o Cristo que prega o Cristo; o corpo prega o seu Cabeça e a Cabeça protege o seu corpo*” (*Enarr. in Ps. 21, 2*).

Nessa perspectiva, a **universalidade** da Igreja não é simplesmente geográfica, mas profundamente teológica: ela é universal porque guarda a unidade da fé na caridade.

b) Falar ao coração do ser humano: interioridade e anúncio

Agostinho conhece profundamente a inquietação do coração humano, tendo-a experimentado pessoalmente. Por isso insiste que o anúncio do Evangelho não pode limitar-se a uma adesão exterior ou formal. A missão autêntica deve alcançar o

homem no lugar mais verdadeiro de sua existência, onde se decide a **orientação fundamental** da vida. O célebre convite a retornar a si mesmo não é fuga do mundo, mas reconhecimento de que Deus fala ao homem em seu íntimo: *“Retorna a ti mesmo; no homem interior habita a verdade”* (De Vera Rel. 39,72).

A missão, então, não impõe nem conquista, mas acompanha e persuade interiormente. É um caminho paciente, que respeita os tempos das pessoas e reconhece que a graça opera no segredo dos corações antes mesmo de manifestar-se exteriormente.

c) Inculturação: ouro dos egípcios

Na relação entre Evangelho e culturas, Agostinho oferece uma visão de grande equilíbrio, ainda hoje preciosa para a *missio ad gentes*.

Retomando o episódio bíblico do Êxodo, o Bispo de Hipona afirma que a **verdade** não é propriedade exclusiva de um povo ou tradição. Também nas culturas pagãs ou secularizadas podem encontrar-se elementos de verdade e beleza que a fé cristã é chamada a reconhecer e purificar.

Agostinho o expressa com clareza ao escrever: *“Se aqueles que são chamados filósofos*

disseram coisas verdadeiras e conformes à nossa fé... não apenas não devem ser temidas, mas devem ser tomadas deles como de possuidores injustos para serem adaptadas ao nosso uso” (De Doctr. Chr. II,40,60).

A inculturação, nessa luz, não é compromisso, mas **ato de discernimento**: a missão não destrói as culturas, mas resgata o seu “ouro”, orientando-o ao serviço do Evangelho.

d) Duas cidades: missão e peregrinação

A escatologia agostiniana oferece, por fim, uma chave decisiva para compreender o sentido último da missão. No *De Civitate Dei*, Agostinho descreve a história como o lugar em que duas cidades, a de Deus e a terrena, convivem e se entrelaçam até o juízo final: *“As duas cidades estão misturadas uma à outra neste século, até que sejam separadas pelo juízo final”* (De Civ. Dei I,35).

Essa visão preserva a missão de um certo risco de triunfalismo ou da redução política do Evangelho. A **Igreja vive na história**, mas nunca se identifica plenamente com nenhum projeto humano. Por isso, a missão não consiste em instaurar o Reino de Deus como realidade plenamente realizada na terra, mas em chamar homens e mulheres a orientar a própria vida para a cidade futura.



Nesse sentido, a missão é profundamente marcada pela esperança. A Igreja anuncia Cristo sabendo-se em caminho, aceitando ser sinal de contradição, mas também sinal de uma promessa que supera a história.

4. Conclusão

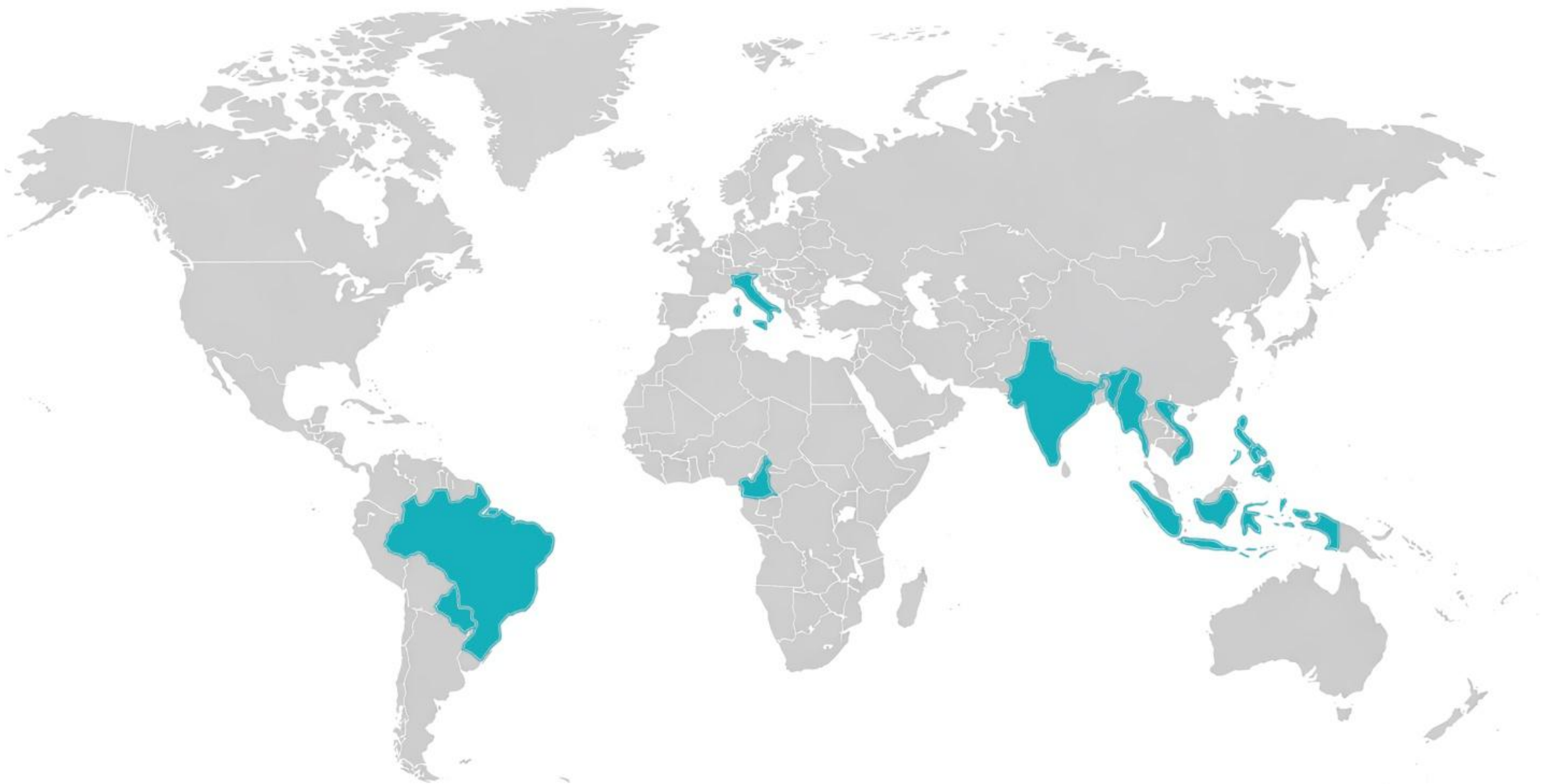
A *missio ad gentes* pertence à própria identidade do povo cristão, chamado por Deus a colocar-se continuamente em caminho, com coração vigilante e espírito disponível.

O Concílio Vaticano II ofereceu uma reflexão profunda sobre essa vocação e, mais de sessenta anos depois, o decreto conserva intacta a sua atualidade, mostrando-se ainda capaz de iluminar os desafios do nosso tempo, marcado pela globalização, pelo pluralis-

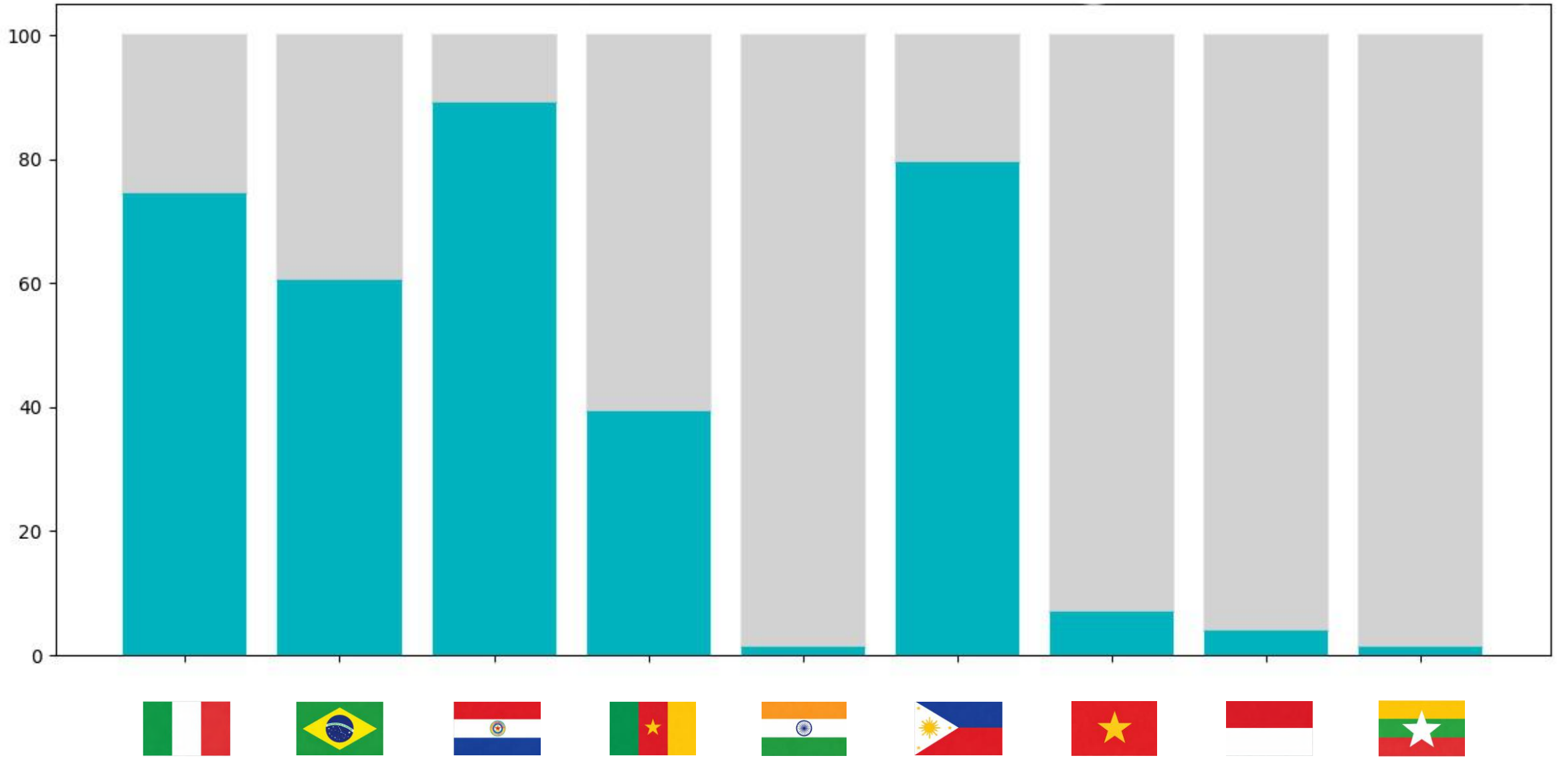
mo cultural e por novas perguntas espirituais. Lido à luz da sabedoria agostiniana, o Concílio continua a orientar o caminho dos nossos religiosos e dos leigos, ajudando-os a encontrar, discernir e valorizar as diversas culturas dos continentes onde estamos presentes, promovendo um diálogo autêntico e respeitoso, sem se deixar absorver ou confundir por elas.

Com o olhar fixo na meta última, a Igreja celeste, a missão torna-se assim não apenas anúncio, mas testemunho coerente, comunhão fraterna e serviço humilde, sinal concreto da presença de Cristo na história e fermento de esperança para cada povo.

Países onde os Agostinianos Descalços estão presentes



Percentual de católicos em relação à população total desses países





Agostinianos Descalços em missão

Indicações de história e espiritualidade

Fr. Eugenio Cavallari, oad



1. Olhando para o passado

A nossa Ordem amadureceu a sua vocação missionária em **dois contextos geográficos e temporais distintos**:

- de 1625 a 1698 na Europa Central, com diversas fundações da Província boemo-germânica, Praga, Viena, Tábor, Olomouc, Breslávia, para combater a heresia utraquista dos hussitas e a dos seguidores de Schwenckfeld, luteranos e calvinistas;
- do final do século XVII ao início do século XIX no continente asiático, Vietnã 1698-1757; China e Filipinas 1736-1811.

No final do século XVII, o imperador da China, Kangxi, havia concedido liberdade de culto à religião cristã; por isso, a Congregação de Propaganda Fide intensificou o pedido a numerosas Ordens religiosas para que enviassem missionários ao Extremo Oriente.

Os Agostinianos Descalços foram escolhidos para evangelizar o **Vietnã** e a **China**. Cerca

de uma centena de religiosos respondeu ao apelo do nosso Vigário geral, o napolitano Fr. David de São Francisco. Em **1º de março de 1697** partiram do Convento romano de Gesù e Maria os dois primeiros religiosos: Fr. Alfonso Romano da Mãe de Deus e Fr. Giovanni Mancini de Santo Agostinho e Santa Mônica.

Em seguida, as **expedições missionárias** sucederam-se num total de dez: sete para o Vietnã e três para a China. Além dos vinte e dois missionários italianos que evangelizaram o Oriente, devem ser recordados com viva gratidão e estima os seis agostinianos descalços vietnamitas, formados no nosso seminário de Kê-Van.

Entre todos, sem dúvida, as figuras mais representativas são: Fr. Giovanni Mancini (1664-1711), fundador da Missão vietnamita, e Dom Hilário Costa (1696-1754), Vigário Apostólico do Tonquim oriental; Fr. Sigismondo Meinardi (1713-1767), fundador da Missão chinesa, e Dom Damasceno Salustri (1727-1781), segundo Bispo de Pequim.

A missão no Vietnã concluir-se-á em **1757** por decisão da Congregação de Propaganda Fide; a missão na China terminará em 1811 por causa da perseguição do imperador Jiaqing.

Em 28 de fevereiro de **1997**, na igreja de Gesù e Maria, o Card. Josef Tomko, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, inaugurou o ano missionário da nossa Ordem no **3º centenário** da partida para o Oriente.

Em 29 de novembro de **2017** foram celebrados os 250 anos da morte de Fr. Sigismondo Meinardi. Ele, assim como Dom Hilário Costa, nascido em Turim e originário de Pessinetto, nasceu em Turim, de uma família de Druento.

Ali, na igreja e depois na Biblioteca Municipal, foi comemorada a sua figura de grande missionário, publicando-se um volume com a primeira parte do seu epistolário, composto de duzentas e setenta cartas, preciosíssimas pelo conteúdo cristão e pelas informações sobre a cultura chinesa.

De fato, desde 1964 a Ordem estudou profundamente e publicou quase todo o epistolário dos nossos missionários, por iniciativa de Fr. Ignazio Barbagallo e Fr. Pietro Scalia, com a colaboração dos Professores da Comunidade de Gesù e Maria.

Por fim, no século passado seguiu-se a **terceira fase** da expansão missionária da nossa Ordem:

- 29 de maio de 1948: os três primeiros missionários italianos agostinianos descalços, Fr. Luigi Raimondo, Fr. Antonio Scacchetti e Fr. Francesco Spoto, partem de Gênova para fundar uma nova casa no Rio de Janeiro, Brasil.
- 2 de agosto de 1994: o italiano Fr. Luigi Kerschbamer abre a nova missão em Cebu City, Filipinas, e com ele em seguida dois confrades brasileiros, Fr. Jandir Bergoza e Fr. Gilmar Morandim.
- 20 de janeiro de 2008: o congolês Fr. Gregorio Cibwabwa e o brasileiro Fr. Renato Jess iniciam a missão em Bafut, Camarões; o continente africano torna-se assim o ponto de junção entre o início da vida agostiniana em Tagaste, Argélia, por obra de Santo Agostinho, e o termo de toda a tensão missionária dos Agostinianos Descalços.

2. Olhando para o futuro

Há mais de trinta anos os Agostinianos Descalços retornaram ao Oriente: Filipinas, Vietnã, Indonésia, Índia. Logo, em pouco tempo, pode chegar o momento de retornar à China.

1948: O Prior geral, Fr. Gabriele Raimondo, com os três missionários partindo para o Brasil: Fr. Antonio Scacchetti, Fr. Luigi Raimondo e Fr. Francesco Spoto



Percebemos claramente que o Senhor e os nossos primeiros confrades missionários nos aguardam para continuar o seu trabalho. Alimentamos no coração uma forte esperança: **levar Cristo** a todas as pessoas, em continuidade com o que escrevia um dos nossos confrades do Vietnã: «*Penetrarei no Tonquim, pregarei a verdadeira religião. Farei ouvir a minha voz como uma trombeta: fora da Igreja não há salvação! Um só batismo, uma só alma, um só redil, um só Pastor, uma só Pomba. Uma santa Igreja: não chinesa, não vietnamita, não oriental, não parisiense, mas Romana. Quem estiver com Ela verá uma Roma celeste*» (Carta de Fr. Tomás da Ascensão).

Este renovado impulso missionário brota diretamente da qualidade e da pureza do nosso **carisma autêntico**, vivido como dom e responsabilidade: uma fidelidade à Palavra de Cristo e à graça operante do Espírito Santo, segundo o exemplo de Santo Agostinho, mestre de profunda interioridade e de incansável zelo apostólico.

Tal fidelidade traduz-se numa atenção vigilante e inteligente aos sinais dos tempos, num discernimento maduro das transformações culturais e sociais e na sincera vontade de inserir-se docilmente nas orientações do Magistério da Igreja. Exige audácia criativa nas iniciativas, perseverança generosa no dom de si, capacidade de trabalhar em comunhão fraterna e humilde paciência no suportar dificuldades e contratempos,

permanecendo sempre firmemente unidos ao mistério da Cruz, fonte de fecundidade e esperança para toda autêntica missão.

Deste modo, a santidade alimenta a missão e a missão alimenta a juventude da nossa Ordem. Assim, a fidelidade ao nosso carisma originário é garantia de continuidade, que justifica a nossa presença na Igreja e no mundo. A urgência que motivou a nossa fundação deve ser a mesma que reclama a nossa presença neste momento histórico particular.

São João Paulo II sintetizou magnificamente esta mensagem missionária na Carta enviada à nossa Ordem (1992) por ocasião da celebração do IV centenário de fundação: “*Sede homens de comunhão. Não falte a vossa colaboração para que cresça e se estenda o diálogo com todos, especialmente com os afastados. Esforçai-vos por promover uma maior compreensão recíproca, mostrando com os fatos que Deus vos colocou juntos para que trabalheis juntos. Amai profundamente a vossa identidade e a vossa Ordem; realizai uma profunda atualização cultural e qualifiqui agostinianamente a pastoral, conciliando-a com as exigências da vida comunitária. Sede bem enraizados em Deus e abertos às instâncias do mundo moderno; deste modo podereis cantar o cântico novo, testemunhando a presença de Deus ao homem de hoje*”.



1945: Capítulo geral responsável por um novo ímpeto missionário



Missão OAD no Tonquim

Síntese de elementos históricos, biográficos e culturais com base em fontes arquivísticas

Fr. Dennis Ruiz, oad

1. Contexto histórico e fontes arquivísticas

A grande missão da Ordem dos Agostinianos Descalços no Tonquim, no **século XVII**, insere-se no quadro das iniciativas missionárias promovidas pela Santa Sé por meio da Congregação de Propaganda Fide, em resposta à necessidade de uma evangelização estável e inculturada nos territórios asiáticos.

As fontes arquivísticas da Ordem (1) constituem um testemunho precioso para reconstruir tal experiência missionária, por meio das ***Relationes missionum***, das cartas dos missionários, dos registros provinciais e dos necrológios conventuais.

Segundo as *Relationes* enviadas à Propaganda Fide e conservadas nos arquivos da Ordem, a missão no Tonquim desenvolveu-se em um contexto político e religioso instável, marcado pela alternância de períodos de tolerância e de repressão contra os cristãos (2).

2. Inculturação em um contexto confuciano

O **Tonquim**, profundamente influenciado pelo confucionismo e pelas tradições religiosas locais, exigia uma abordagem pastoral prudente e respeitosa.

As fontes mostram como os Agostinianos Descalços adotaram uma **metodologia missionária** fundada na aprendizagem da língua, na formação de comunidades locais e no acompanhamento dos catequistas, considerados essenciais para a sobrevivência da fé nos momentos de perseguição (3).

Do ponto de vista histórico, a documentação evidencia que os missionários agostinianos não pretendiam impor modelos ocidentais, mas favorecer uma **inculturação do Evangelho**.

As cartas conservadas nos arquivos da Ordem e nos fundos da Propaganda Fide atestam um discernimento constante a respeito de práticas culturais sensíveis, particularmente o culto aos antepassados, procu-



rando distinguir entre elementos compatíveis com a fé cristã e elementos que exigiam uma purificação evangélica (4).

3. Pastoral integral

As fontes arquivísticas permitem também delinear com maior precisão os trabalhos pastorais concretos desenvolvidos pelos Agostinianos Descalços em contato direto com o povo do Tonquim.

A ação missionária não se limitou à pregação ou à administração dos sacramentos, mas configurou-se como uma pastoral integral, capaz de acompanhar a **vida cotidiana** das comunidades cristãs em um contexto frequentemente hostil.

As *Relationes missionum* atestam um empenho constante na catequese sistemática, organizada em pequenos grupos familiares ou de aldeia, adaptada aos ritmos da vida local e fundamentada na transmissão oral.

Particular atenção era dedicada à preparação para o Batismo, o Matrimônio e a Penitência, com um acompanhamento prolongado dos catecúmenos, muitas vezes continuado também após a recepção dos sacramentos (5).

Um âmbito central da atividade pastoral foi

a formação dos **catequistas locais**, considerados verdadeiros colaboradores da missão. Eles não apenas ensinavam a doutrina cristã, mas presidiam a oração comunitária, transmitiam as instruções morais e mantinham viva a fé durante as ausências forçadas dos missionários. As fontes mostram como os missionários investiam tempo e recursos na sua preparação doutrinal e espiritual (6).

4. Caridade, perseguições e testemunho

Ao lado da catequese, emerge também uma atenção pastoral às **situações de sofrimento**: assistência aos enfermos, acompanhamento dos moribundos, apoio às famílias atingidas por perseguições ou confiscos. Nesse sentido, a missão assumiu um rosto profundamente caritativo, encarnando o carisma agostiniano da ***caritas in veritate***.

No plano biográfico, as fontes permitem identificar figuras de missionários marcadas por profunda vida espiritual, zelo apostólico e espírito de sacrifício. Entre elas destaca-se **Dom Hilário Costa**, cuja atividade está documentada nas correspondências oficiais da Ordem.



Retrato do Bispo Dom Hilário Costa,
conservado na sacristia da Paróquia de Pessinetto (Itália), sua cidade natal

5. Quadro biográfico de Dom Hilário Costa, Missionário e Pastor

Dom Hilário Costa foi uma das figuras mais significativas da missão dos Agostinianos Descalços no Tonquim, no século XVII.

A sua presença está documentada nas *Relationes* missionárias e nas cartas conservadas no Arquivo Geral da Ordem e nos fundos da Propaganda Fide, onde aparece como missionário de experiência pastoral e sólida formação teológica.

Das fontes emerge o perfil de um pastor profundamente atento à formação das comunidades cristãs locais. Dom Hilário atuou em um contexto marcado por frequentes perseguições, demonstrando capacidade de liderança, prudência e fortaleza espiritual.

A sua ação concentrou-se de modo particular na catequese, na preparação dos cate-

quistas locais e no fortalecimento da fé dos neófitos, para que as comunidades pudessem resistir mesmo na ausência prolongada dos missionários.

Dom Hilário exerceu o seu ministério como pastor itinerante, visitando regularmente as comunidades dispersas pelo território, muitas vezes em condições de perigo. As fontes descrevem uma atenção especial à visita pastoral, entendida não apenas como controle disciplinar, mas como momento de escuta, de reconciliação e de fortalecimento da comunhão eclesial (7).

Um traço distintivo da sua pastoral foi o cuidado com a vida sacramental em contextos de clandestinidade. Dom Hilário empenhou-se em garantir a celebração da Eucaristia e a reconciliação sacramental mesmo durante as perseguições, adaptando tempos e modalidades às circunstâncias locais. A sua ação contribuiu de modo decisivo para manter viva a identidade cristã das comunidades, evitando que a fé se reduzisse a uma prática puramente privada.

No plano formativo, ele promoveu com decisão a responsabilização dos leigos, encorajando uma Igreja local capaz de sustentar-se mesmo sem a presença constante dos missionários. As fontes sublinham como Dom Hilário via nos catequistas e nos chefes de comunidade não simples executores, mas verdadeiros sujeitos eclesiais, antecipando uma visão de Igreja que encontraria plena expressão nos desenvolvimentos eclesiológicos posteriores.

Do ponto de vista espiritual, a sua pastoral era claramente inspirada no pensamento de Santo Agostinho: centralidade da interioridade, unidade da comunidade e primado da caridade. A prova das perseguições foi interpretada por Dom Hilário como ocasião de purificação e de amadurecimento da fé, mais do que como sinal de derrota.

As cartas atribuídas a Dom Hilário testemunham uma visão da missão fortemente enraizada no carisma agostiniano: centralidade da comunhão eclesial, primado da caridade pastoral e profunda confiança na ação da graça. Ele demonstrou particular sensibilidade em relação à cultura local, evitando atitudes de imposição e favorecendo, ao contrário, um diálogo respeitoso, ainda que na clareza do anúncio cristão (8).

A sua figura representa um modelo de missionário que soube conjugar fidelidade à Igreja, amor pelo povo confiado aos seus cuidados e capacidade de discernimento em situações complexas. Por esse motivo, Dom Hilário Costa ocupa um lugar relevante na memória histórica da missão agostiniana na Ásia.

6. Conclusão

No conjunto, a missão dos Agostinianos Descalços no Tonquim, no século XVII, tal como emerge das fontes arquivísticas da Ordem, apresenta-se como uma experiência de evangelização marcada por perseverança, diálogo cultural e testemunho coerente do Evangelho.

Ela constitui um capítulo significativo não apenas da história da Ordem, mas também da mais ampla história da Igreja na Ásia, oferecendo ainda hoje critérios de reflexão para a missão eclesial no mundo contemporâneo.

1 ARQUIVO DO ESTADO, Roma, Agostinianos Descalços.

2 Cf. ARQUIVO DA CONGREGAÇÃO PARA A PROPAGANDA DA FIDE, Roma, Missiones Orientales, Tonchinensis, Relatório Anual, século XVII.

3 Cf. ARQUIVO DO ESTADO, Roma, Agostinianos Descalços, Epistolae Missionariorum ad Superiores, Tonkin, fasc. 3–5).

4 cfr. AE, Roma, AD, Missiones Asiaticæ, Quaestiones de ritibus, Tonchinum.

5 cfr. AE, Roma, AD, Missiones Orientales, Tonchinum, Relatio annua, saec. XVII.

6 cfr. AE, Roma, AD, Epistolae Missionariorum ad Superiores, Tonchinum, fasc. 3–6.

7 cfr. AE, Roma, AD, Epistolae Ill.mi Missionarii Hilarionis Costa, Tonchinum, saec. XVII.

8 cfr. AE, Roma, AD, Epistolae Ill.mi Missionarii Hilarionis Costa, Tonchinum, sec. XVII.



Missão OAD hoje

Presença e desafios no Sudeste Asiático

Fr. Harold Toledano, oad



O Sudeste Asiático é uma região caracterizada por extraordinária diversidade cultural e religiosa, que oferece ao mesmo tempo desafios complexos e preciosas oportunidades pastorais.

A nossa Ordem no Sudeste Asiático representa hoje uma **realidade dinâmica e em rápido crescimento**, com presença significativa em países como Filipinas, Indonésia, Vietnã e Myanmar. Os confrades confrontam-se com contextos entre si diversos:

- Filipinas: o país com a maior comunidade católica do Sudeste Asiático e, em nível mundial, segundo apenas ao Brasil e ao México, com cerca de 85 milhões de católicos.
- Indonésia: aproximadamente 10 milhões de batizados, concentrados sobretudo nas ilhas de Flores e Java, em meio a uma população de maioria muçulmana.
- Vietnã: cerca de 7 a 10% da população professa a fé católica.
- Myanmar: cerca de 700.000 católicos, correspondentes a 1,3% da população.

1. Desafios da missão na Ásia

Como muitas outras Congregações de presença mais recente na região, a nossa Ordem encontra-se diante de um contexto complexo e em contínua transformação.

Um dos primeiros desafios diz respeito à adaptação cultural, isto é, à necessidade de **inculturar** a fé católica nas diversas realidades locais, preservando ao mesmo tempo a integridade da mensagem cristã.

Em sociedades marcadas por acentuado pluralismo religioso, o testemunho da fé deve conjugar-se com um **diálogo respeitoso** e construtivo, capaz de favorecer a convivência com o Islã, o Budismo e outras tradições religiosas.

A isso se acrescenta o rápido crescimento do pentecostalismo e das comunidades evangélicas, que interpela a Igreja a renovar linguagens e modalidades pastorais. A escassez de sacerdotes e religiosos exige, além disso, estratégias novas e prudentes para

garantir uma presença eclesial estável nas comunidades, enquanto a formação dos fiéis, dos presbíteros e dos leigos assume papel central para responder adequadamente aos desafios da modernidade e da crescente secularização.

Em alguns contextos não faltam dificuldades ligadas a **discriminações e restrições** contra os cristãos, o que torna ainda mais urgente o fortalecimento da identidade católica e o cuidado com a comunhão eclesial. Ao mesmo tempo, o empenho na evangelização das comunidades não católicas e a promoção do diálogo inter-religioso configuram-se como dimensões imprescindíveis da missão.

Por fim, em uma região marcada por profundas **desigualdades** econômicas e sociais, a promoção da justiça social e dos direitos humanos representa um campo prioritário de testemunho evangélico. Tais desafios exigem uma resposta corajosa e criativa por parte da Igreja e dos Institutos religiosos, chamados a renovar-se continuamente para permanecer fiéis à vocação missionária.

2. Atividade missionária

No interior do contexto da missão católica local, a Ordem oferece uma contribuição significativa por meio de várias atividades.

Educação e saúde: a fundação e a gestão de uma escola e locais de atendimento contribuem para o desenvolvimento humano e

social das comunidades. Em particular, o âmbito educativo representa um dos principais campos de empenho, com instituições de qualidade que formam muitos jovens. Também no setor da saúde, as estruturas oferecem cuidados e ajuda aos mais necessitados.

Promoção dos direitos humanos: a Ordem empenha-se na defesa da dignidade e da liberdade da pessoa, por meio do serviço aos pobres, aos marginalizados e aos vulneráveis, oferecendo apoio material e trabalhando para melhorar as condições de vida das comunidades locais.

Diálogo inter-religioso: promove-se um diálogo construtivo entre as diversas tradições religiosas, contribuindo para a paz e para a convivência harmoniosa.

Valorização das culturas locais: a Ordem sustenta a expressão e a preservação das culturas autóctones, ajudando as pessoas a encontrar sentido e orientação para a vida.

Crescimento eclesial: a presença de imigrantes católicos contribui ulteriormente para o desenvolvimento da Igreja em diversos contextos da região.

Apesar das dificuldades ligadas à pobreza, às desigualdades e, por vezes, às perseguições, a Ordem atua em estreita sinergia com a Igreja local, compartilhando as suas prioridades pastorais e missionárias.



Missão na Indonésia



Filipinas

A sede da Província encontra-se em Cebu City, nas Filipinas, sob o patrocínio de São Nicolau de Tolentino.

Ela estende a própria jurisdição a todas as casas da Ordem presentes na Ásia, particularmente na Indonésia, Vietnã, Myanmar e Índia, promovendo uma coordenação orgânica da vida religiosa e da atividade apostólica no continente.

A Província conheceu um crescimento significativo não apenas em nível local, mas também internacional, fortalecendo a comunhão entre as diversas presenças e favorecendo novas iniciativas missionárias. Nas Filipinas foram erigidas novas Comunidades para servir o povo de Deus nas Dioceses de Daet, Pampanga, Masbate e, em breve, em Pagadian, além do compromisso educativo e formativo desenvolvido no Tabor Hill College (THC) e no Saint Monica Institute of Theology (SMIT).

Entre as principais atividades missionárias destaca-se a acolhida de religiosos provenientes de outros Países, sinal concreto de fraternidade e universalidade da Ordem; a colaboração nas paróquias e nas capelanias universitárias; o trabalho compartilhado com os leigos em múltiplas iniciativas de formação cristã, acompanhamento espiritual e promoção humana.



Indonésia

A Ordem está presente na Indonésia com uma comunidade em Bandung, inserida em um contexto de maioria muçulmana.

Nesse ambiente plural, a presença dos religiosos configura-se como sinal discreto, porém significativo, de testemunho evangélico e de fraternidade.

Entre as principais atividades missionárias destacam-se a acolhida dos cristãos, oferecendo à comunidade um ponto de referência para a vida espiritual e sacramental; o início de percursos de formação e acompanhamento na fé; a colaboração concreta com os mais pobres, segundo as necessidades elementares do território; e o empenho constante em manter um diálogo inter-religioso respeitoso e construtivo com a população local e com a sua cultura.



Sou **Fr. Yanuarius Muni**. O meu chamado pessoal a entrar em contato direto com a natureza amadureceu de modo particular após a ordenação sacerdotal na Ordem dos Agostinianos Descalços, em 31 de maio de 2022, na Catedral de Bandung, pela imposição das mãos de Dom Antonius Subianto. Compreendi cada vez mais que o sacerdote não é apenas ministro dos sacramentos, mas é chamado também a realizar gestos concretos pela Ordem e pela Igreja.

Essa convicção está ligada ao percurso acadêmico realizado durante o Mestrado em Teologia na Universidade Católica Parahyangan, com a dissertação intitulada *“Construir a consciência da Terra como espaço sagrado”*. Para mim, a terra não é simplesmente matéria, mas traz em si uma centelha do Divino, porque é criada pelo amor de Deus. Reconhecer a sua sacralidade significa amadurecer uma atitude de respeito, gratidão e responsabilidade. Isso é parte da minha missão religiosa e sacerdotal.

Em nossa Comunidade de Cisarua, em um terreno de cerca de 1,3 hectare, cultivamos hortaliças orgânicas como alface, brócolis, tomates, berinjelas, vagens e repolhos. Proveniente de uma família de agricultores e tendo já trabalhado a terra durante a formação religiosa, vivo essa atividade como continuidade natural da minha vocação. Os frades participam semanalmente da sementeira, do cuidado e da colheita, utilizando fertilizantes orgânicos produzidos também graças aos animais presentes na propriedade.

Os legumes são levados às paróquias de Sunter-Jacarta, Kemuning e Buah Batu-Bandung, onde são oferecidos com a fórmula “pegue o quanto quiser e faça uma doação voluntária”, destinada a sustentar a formação dos religiosos da Ordem. Nesse simples serviço reconheço um modo concreto de viver o nosso carisma: *“Servir o Altíssimo em espírito de humildade”*. É um pequeno gesto, mas exprime o desejo de amar a terra e de servir a humanidade como parte do desígnio de Deus.

Outro momento significativo foi a abertura, no início de 2026, da nova sede de formação para os postulantes da Comunidade de Bandung que foi chamada de “Tagaste”, nome recorda a experiência originária de Santo Agostinho, que compreendeu como o encontro com Deus se realiza não apenas na dimensão pessoal, mas também na fraternidade vivida no dom recíproco. Para nós, isso significa construir uma comunidade fraterna, eficaz no serviço e missionária, capaz de anunciar o Evangelho com humildade e alegria.





Vietnã

A Igreja vietnamita distingue-se pelo dinamismo pastoral, especialmente na evangelização dos jovens e na atenção às comunidades mais vulneráveis. Ela promove igualmente o diálogo inter-religioso e a convivência pacífica

com as diversas tradições religiosas presentes no País.

Nesse contexto, a Ordem exerce a própria missão por meio da colaboração nas paróquias, oferecendo serviço pastoral também aos fiéis de língua inglesa, cada vez mais presentes nas áreas urbanas. Há um empenho concreto na construção de igrejas e centros de espiritualidade, concebidos como lugares de oração, formação e acompanhamento. Particular atenção é dedicada à formação dos religiosos, para que possam responder com competência e profundidade espiritual às exigências pastorais emergentes.

Os desafios no Vietnã permanecem numerosos: a crescente secularização da sociedade e as restrições governamentais à liberdade religiosa exigem criatividade e prudência. Contudo, precisamente em meio a tais dificuldades, abrem-se oportunidades de crescimento vocacional, de diálogo inter-religioso e de renovado empenho pela paz, pela compreensão recíproca e pelo serviço aos necessitados.



Sou **Fr. Anthony Duong Xuan Tien** e desejo iniciar o meu testemunho recordando com gratidão a longa e significativa presença missionária da Ordem dos Agostinianos Descalços no Vietnã.

A Ordem deixou uma marca profunda na história da Igreja vietnamita. Por mais de 120 anos, de 1696 a 1821, os frades anunciaram o Evangelho e contribuíram para a for-

mação da fé do povo de Deus, construindo uma herança espiritual que ainda hoje produz frutos.

Após um longo período de ausência devido a circunstâncias históricas, a Ordem retornou oficialmente ao Vietnã em 2008, graças ao empenho da Província Saint Nicholas of Tolentino das Filipinas. Com esse retorno, foi renovado o espírito e o carisma agostiniano descalço: comunhão fraterna, serviço humilde e amor concreto pela Igreja local.

Desde a refundação, a presença da Ordem cresceu de modo constante. Hoje atuamos por meio de três comunidades situadas na Arquidiocese de Ho Chi Minh City, na Diocese de Da Nang e na Diocese de Xuan Loc. Ao lado do ministério pastoral, a formação das vocações representa um dos sinais mais consoladores deste caminho.

Atualmente, a Ordem conta com 10 sacerdotes vietnamitas, 3 diáconos, mais de 30 religiosos professos que prosseguem os estudos na Itália e nas Filipinas e cerca de 30 seminaristas em formação em institutos

católicos no Vietnã. Esse crescimento, numérico e espiritual, manifesta a vitalidade do carisma agostiniano descalço no interior da Igreja vietnamita.

Ao contemplar os frutos já colhidos e o rápido desenvolvimento das infraestruturas, das vocações e das iniciativas pastorais, estou profundamente convencido de que o Espírito Santo está operando com força na nossa missão. Creio que Deus não esquece os sacrifícios e o empenho dos missionários que escreveram as primeiras páginas da nossa história no Vietnã, e que hoje continua a abençoar o caminho da Ordem nesta terra.

No meu coração levo a esperança de que, com o tempo e com o apoio necessário, possa nascer uma nova Província no Vietnã, sinal de maturidade e estabilidade do caris-

ma. Desejo também uma atenção e um acompanhamento cada vez maiores por parte do Prior geral e dos Superiores, para que o espírito agostiniano descalço possa florescer plenamente e a Ordem possa continuar a obra iniciada por Dom Hilário Costa e pelos primeiros missionários, levando a cumprimento as páginas ainda abertas da nossa história missionária. Que o Espírito Santo nos guie e nos sustente neste caminho de fidelidade e de serviço.

Entre as atividades missionárias ocupa lugar significativo o ministério junto aos enfermos, vivido com presença fraterna e acompanhamento espiritual, a formação dos religiosos e a colaboração ativa com a Igreja local nas suas diversas necessidades, com a ajuda de numerosos benfeitores e leigos.





Missão OAD hoje

Presença e desafios nos Camarões

Fr. Serge Kwanda, oad

1. Notas históricas

A presença dos Agostinianos Descalços nos Camarões é relativamente recente, mas profundamente significativa.

2008: em 29 de janeiro, os dois primeiros confrades, Fr. Gregorio Cibwabwa e Fr. Renato Jess, chegaram a Camarões para iniciar o projeto de uma Casa de formação. Esse momento marcou o início oficial da presença missionária da nossa Ordem na região anglófona, particularmente em Mambu-Bafut, na região do Noroeste.

A escolha dessa zona revelou-se providencial: a Igreja local era viva e em crescimento, mas necessitava de uma formação estruturada, de uma organização pastoral e de uma presença religiosa estável de uma comunidade aberta à missão.

2010: alguns jovens provenientes da República Democrática do Congo e dos Camarões uniram-se à missão para iniciar o seu caminho formativo como aspirantes na nossa Ordem.

A casa de formação de Mumbi tornou-se gradualmente um ponto de referência para as vocações do continente africano. Ao longo dos anos, diversos aspirantes iniciaram o seu percurso formativo com a colaboração das comunidades religiosas do Brasil e da Itália.

2019: Fr. Serge Kwanda foi o primeiro religioso agostiniano descalço, proveniente da missão, a receber a Ordenação sacerdotal. Desse modo, o carisma agostiniano criou raízes em solo camaronês, oferecendo uma espiritualidade centrada na vida comum.

2. Desafios da missão

a) Segurança e conflito armado

A **crise anglófona**, um conflito separatista que dura há quase uma década, representa o desafio mais grave para a missão da Igreja na região anglófona dos Camarões. A crise provocou deslocamentos internos, destruição de aldeias, fechamento de escolas, sequestros e um clima de insegurança.



2010: Visita do Prior provincial

As atividades pastorais e missionárias realizam-se frequentemente em condições de incerteza. Alcançar algumas capelas pode exigir três ou quatro horas de caminhada por áreas de **difícil acesso**. Nesse contexto ressoam com força as palavras de Cristo: *“Bem-aventurados aqueles que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”* (Mt 5,9).

A presença da Igreja torna-se não apenas sacramental, mas também profética, chamada a ser instrumento de reconciliação. Como o Bom Pastor que não abandona o rebanho (Jo 10,11), sacerdotes e religiosos continuam a visitar as comunidades, celebrar a Eucaristia e oferecer **consolação espiritual** mesmo em meio à instabilidade.

b) Calamidades naturais

As inundações sazonais destroem frequentemente as colheitas e as infraestruturas, agravando a pobreza e a insegurança alimentar. A **fragilidade econômica** alimenta tensões pela terra e pelos recursos. Nessas circunstâncias, a Igreja vive o apelo evangélico à solidariedade: *“Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber”* (Mt 25,35).

A nossa presença missionária compreende não apenas a assistência espiritual, mas também a caridade concreta e o acompanha-

mento das pessoas em suas dificuldades cotidianas, compartilhando alegrias, esperanças, medos e desafios com quem Deus confiou aos nossos cuidados espirituais.

c) Questões pastorais e sociopolíticas

A divisão entre comunidades anglófonas e francófonas gerou desconfiança e tensões. A Igreja é chamada a ser ponte de diálogo, refletindo a oração de Cristo *“para que todos sejam um”* (Jo 17,21).

Entre as dificuldades pastorais encontra-se também a carência de catequistas adequadamente formados e a limitada **preparação teológica** nas regiões mais remotas. A evangelização exige paciência, escuta e acompanhamento gradual. Assim como recorda Paulo, *“Nós pregamos Cristo crucificado”* (1Cor 1,23), pois a mensagem passa também pelo sofrimento e pela incompreensão.

d) Educação e saúde

Nas zonas de conflito, muitas escolas permaneceram fechadas por anos. Mesmo após a reabertura, o número de **profissionais qualificados** ainda é insuficiente. A interrupção da educação tornou uma geração inteira mais vulnerável.

A Igreja procura responder por meio de iniciativas paroquiais, programas para os jovens e formação moral.

Também o acesso aos cuidados de saúde é limitado nas aldeias mais isoladas. Sacerdotes e religiosos tornam-se mediadores de ajuda e de esperança, em comunidades onde o apoio institucional é mínimo.

3. Atividades pastorais e perspectivas futuras

A missão dos Agostinianos Descalços na região anglófona está enraizada na **disponibilidade ao Povo de Deus**.

A Missa é celebrada diariamente na igreja matriz da Paróquia Saint Joseph e, em outros dias, na nossa Casa de formação e em algumas comunidades religiosas femininas, além de uma estrutura destinada a pessoas com deficiência.

Aos domingos, os **sacerdotes** que compõem a nossa Comunidade religiosa dirigem-se às capelas para a celebração eucarística, a administração dos sacramentos, além de presidir funerais e realizar a catequese.

Apesar das dificuldades, a missão continua a produzir frutos. Um número significativo de sacerdotes, provenientes da nossa Casa de formação de Bafut, está a serviço da Ordem e da Igreja nos Camarões e na Itália.

Olhando para o futuro, a Igreja nos Camarões permanece empenhada na construção da paz e na reconciliação entre as comunidades anglófonas e francófonas. Prossegue a construção de novas igrejas e capelas, juntamente com o fortalecimento das vocações e a promoção da espiritualidade agostiniana.

Em uma região marcada por desafios, mas **rica de fé**, a nossa missão propõe-se como sinal concreto de esperança, fundada na promessa de Cristo: *“Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”* (Mt 28,20).

O carisma agostiniano descalço, enraizado na espiritualidade de Santo Agostinho e vivido na simplicidade, na pobreza evangélica e na comunhão fraterna, torna-nos felizes em servir o Altíssimo em espírito de humildade, unindo testemunho, oração e ação pastoral.



2026: Fr. Serge Kwanda com alguns paroquianos



Agostinianos Descalços em Roma

Exemplos de representação visual e (auto) representação ao longo dos séculos

Renske de Vries



No coração da movimentada Via del Corso, em Roma, a igreja de Gesù e Maria ergue-se firmemente como lugar de oração silenciosa, de celebração compartilhada e de vida comunitária. Embora a propriedade tenha sido adquirida pela Ordem dos Agostinianos Descalços em 1615 para a construção de um convento, de uma igreja e de uma escola, ela continua ainda hoje a desempenhar a função de residência e casa de formação para a comunidade religiosa. Essa presença ininterrupta dos frades Agostinianos Descalços em Roma, desde o início do século XVII, pode ser reconhecida também por meio das obras de arte.

Durante a redação do meu TCC de graduação no ano passado, intitulada *Obras de arte na sacristia, no coro e na galeria de Gesù e Maria: um novo estudo de iconografia, atribuição e datação, no campo da história da arte*, deparei-me com diversas obras que o testemunham. Neste breve artigo desejo, portanto, oferecer ao leitor uma introdução de primeiro nível a tais obras, todas diversas quanto ao estilo, técnica e período, mas unidas por aquilo que se define como (au-

to)**representação**, isto é, o uso consciente das imagens para expressar a identidade específica da Ordem dos Agostinianos Descalços e de seus frades.

1. Pequeno desenho sobre pergaminho, conservado em Florença

A primeira obra digna de nota é um precioso desenho em aquarela (**fig. 1**), realizado sobre pergaminho, provavelmente por um monge em Florença na primeira metade do século XVII, onde a obra ainda se encontra conservada. Com uma precisão quase documental, o artista representa o vestuário típico de um **frade Agostiniano Descalço da época**, com as mãos serenamente unidas em oração: hábito negro, sandálias simples, cinto de couro e capa até os joelhos com capuz pontiagudo. É evidente que muito pouco desse vestuário se modificou ao longo do tempo.

Ainda mais interessante é o fato de que essa pequena aquarela faz parte de uma série



Fig. 1 Augustinianus Discalceatus.

mais ampla de desenhos representando monges de diversas ordens, cada qual com o seu hábito característico, provavelmente com a finalidade de tornar reconhecíveis os religiosos que circulavam pela cidade. O desenho pode, portanto, ser interpretado como um instrumento para identificar os Agostinianos Descalços nas ruas, graças ao

hábito, que na época incluía também uma capa particularmente curta. Isso explica ainda o uso de cores mais claras para destacar materiais diferentes, como os das sandálias e do cinto, a fim de distinguir os elementos individuais que compõem o hábito típico da Ordem.

2. Aquarela de Achille Pinelli, outrora exposta

Uma aquarela de traço mais suave, realizada por Achille Pinelli (fig. 2), oferece a representação de três frades Agostinianos Descalços, vistos de frente, de perfil e de costas, enquanto conversam **diante da fachada de Gesù e Maria, na Via del Corso**, no início do século XIX. A cena da conversa evoca a vida fraterna que se desenvolvia em torno da igreja, enquanto a presença de um cavalheiro elegantemente vestido, que oferece esmola a um frade, testemunha o caráter já então vivo e diversificado da Via del Corso.

É importante sublinhar também aqui a finalidade da obra: na ausência da fotografia, Pinelli realizou uma série de cerca de duzentas aquarelas para catalogar os numerosos edifícios de Roma daquela época. A essas representações arquitetônicas ele associou cenas cotidianas, vivas e construídas, crian-



Fig. 2

do composições capazes de atrair a atenção. Essa aquarela, escolhida como exemplo da contínua transformação da paisagem urbana romana, foi exposta em 2007 na mostra Achille Pinelli's Rome, no Museu de Roma, juntamente com outros setenta desenhos

da série. Contudo, enquanto a Via del Corso se tornou progressivamente mais comercial, a presença dos frades de Gesù e Maria permanece como elemento constante e imutável.



Fig. 3

3. Afrescos agostinianos na galeria de Gesù e Maria

Um notável exemplo precoce de (auto) representação encontra-se na galeria de Gesù e Maria, onde um ciclo de sete afrescos do século XVII apresenta hoje, infelizmente, um estado de deterioração muito avançado. No meu TCC dediquei uma ampla pesquisa a esses afrescos refinados, que merecem atenção e estudo.

O que chama a atenção é que os afrescos são unificados não apenas pelo tema, centrado nos **episódios da vida de Santo Agostinho**, mas também pela configuração visual. A partir da terceira luneta, que representa A vestição de Santo Agostinho, o santo é retratado exclusivamente com o hábito dos Agostinianos Descalços, com capuz negro pontiagudo, e é constantemente acompanhado por confrades vestidos da mesma forma nas cenas sucessivas (**fig. 3**). É muito provável que esse ciclo pictórico tenha sido encomendado pelos frades de Gesù e Maria pouco depois da conclusão da galeria, em 1632.

Tratando-se de um espaço reservado exclusivamente à circulação deles, parece natural que as obras tenham sido concebidas como representação visual dos frades Agostinianos Descalços, da sua fraternidade

e do seu vínculo com Santo Agostinho, pai espiritual da Ordem.

4. Pintura do teto dos primeiros missionários no Tonquim, no coro de Gesù e Maria

Outra obra presente na igreja de Gesù e Maria, encomendada diretamente pelos frades, é a pintura do teto na abóbada do coro. Acredita-se que tenha sido realizada por volta de 1817, por ocasião da reforma e do embelezamento do coro. Também essa pintura se encontra em um espaço reservado, geralmente visível apenas aos frades.

A obra apresenta duas cenas: uma de Santo Agostinho lavando os pés de Cristo e a outra é a **representação dos primeiros missionários Agostinianos Descalços na paisagem do Tonquim, no Vietnã** (detalhe, **fig. 4**), que partiram de Roma em 1º de março de 1697 para anunciar a Palavra de Deus.

A escolha de representar os frades como missionários no exterior faz com que essa pintura não apenas recorde aos frades a sua vocação missionária, mas constitua também um testemunho visual de um acontecimento fundamental para a missão no Sudeste Asiático, digno de ser continuamente recordado no interior da Ordem.



Fig. 4

5. Extraordinário quadro de François Marius Granet, hoje no Metropolitan Museum of Art de Nova York

Por fim, em 1808, o artista francês François Marius Granet realizou uma pintura que oferece um **olhar cotidiano sobre a galeria de Gesù e Maria (fig. 5)**.

A obra, inspirada na pintura de gênero, representa alguns frades em primeiro plano e ao fundo, vestidos com o hábito dos Agostinianos Descalços e a capa, enquanto entram na nave da igreja a partir da galeria. Um frade segura o rosário, outro toca a campainha, e todos parecem recolhidos em seus próprios pensamentos.

Com grande maestria, Granet soube representar os delicados jogos de luz e sombra que filtram pelas janelas sobre as abóbadas de cruzaria. Como o seu ateliê se encontrava não muito distante da igreja, o artista deve ter visto a galeria pessoalmente e dela extraído inspiração. Hoje o espaço apresenta-se muito mais despojado, mas por meio da minha pesquisa foi possível reconstruir o aspecto original da galeria, antes que algumas portas fossem fechadas, os afrescos começassem a deteriorar-se, os retratos de membros da Ordem fossem transferidos para outros locais e edifícios adjacentes fossem construídos.

É significativo que esse quadro tenha sido exposto pela primeira vez no Salon de Paris de 1808 e que hoje esteja conservado no Metropolitan Museum de Nova York. Isso significa que uma representação sóbria e cotidiana da vida dos Agostinianos Descalços encontrou lugar em um dos museus mais importantes do mundo, tornando visível a identidade da Ordem a um público contemporâneo e internacional.

Conclusão

No seu conjunto, as obras apresentadas oferecem um olhar sobre como os Agostinianos Descalços em Roma foram representados



Fig. 5

por diversos artistas, em épocas, estilos e técnicas distintas, desde a fundação da Ordem. Algumas obras possuem caráter mais documental, outras respondem a exigências de (auto)representação, outras ainda procuram simplesmente captar um fragmento da vida cotidiana em forma artística. Contudo, enquanto o rosto urbano de Roma está em contínua transformação e

até mesmo os espaços da igreja sofrem mudanças ao longo do tempo, é sobretudo o hábito distintivo dos frades que permanece como sinal visual claro e duradouro nessas obras de arte, tão imutável quanto a presença da Ordem dos Agostinianos Descalços na **Igreja de Gesù e Maria, na Via del Corso (fig. 6)**.



Fig. 6

Fig. 1: Artista desconhecido, Agostiniano Descalço, primeira metade do século XVII (?), aquarela sobre pergaminho, 17 × 11 cm, Depósito Diocesano de Santo Stefano al Ponte, Florença.

Fig. 2: Achille Pinelli, Gesù e Maria, ca. 1826–1835, aquarela, 47 × 60,6 cm, Museu de Roma, Roma.

Fig. 3: Detalhe esclarecido de: artista desconhecido, Santo Agostinho medita sobre a Trindade à beira-mar, enquanto o menino tenta esvaziar o mar com uma concha, ca. 1632–1699, afresco, galeria de Gesù e Maria, Roma.

Fig. 4: Detalhe de: artista desconhecido, Santo Agostinho lava os pés de Cristo, em uma paisagem que representa os primeiros missionários Agostinianos Descalços no Tonquim, Vietnã, ca. 1817, pintura a seco sobre reboco, coro de Gesù e Maria, Roma.

Fig. 5: François Marius Granet, Monges no claustro da igreja de Gesù e Maria, Roma, 1808, óleo sobre tela, 49,5 × 39,1 cm, The Metropolitan Museum of Art, Nova York.

Renske de Vries concluiu em 2025 o Bachelor of Arts *cum laude* na Radboud University de Nijmegen, dedicando seu TCC às obras de arte conservadas na sacristia, no coro e na galeria da igreja de Gesù e Maria, em Roma. No âmbito do trabalho de conclusão, foi admitida a realizar pesquisas bibliográficas no Kunsthistorisches Institut de Florença e teve o privilégio de permanecer junto à igreja para atividades de pesquisa in loco, confronto científico e documentação fotográfica. Atualmente frequenta o curso de Mestrado em História da Arte e está trabalhando em um catálogo introdutório das obras presentes em toda a igreja de Gesù e Maria, agora ampliado graças a novas pesquisas que incluem também as da nave.



Algumas fotos

Partilhando um pouco da nossa vida

Toledo – Brasil

5–9 de janeiro, 44º Encontro anual dos Frades

O tradicional encontro marcou o início do ano da Província Santa Rita de Cássia em um clima de oração, escuta e fraternidade.

A celebração de abertura e de acolhida foi presidida pelo Prior geral Fr. Nei Márcio Simon. Os dias tiveram início com a Missa e, em seguida, momentos de formação inspirados nas palestras do Congresso sobre as Fontes da nossa espiritualidade, realizado em Roma no último mês de outubro. Diversos confrades retomaram as reflexões

e partilharam os testemunhos: Fr. Getulio Freire Pereira (*Ritual*), Fr. Dorianio Ceteroni (Espiritualidade), Fr. José Valnir da Silva (*Constituições e Diretório*), Fr. Marcelo Leandro (Outras Fontes), Fr. Moacir Chiodi (os três encontros com o Papa) e Fr. Márcio da Silva (o voto de humildade e o Venerável Fr. Giovanni Nicolucci). Também entrevistaram Fr. Diones Rafael Paganotto, Secretário geral, sobre o *Vademecum*, e o Prior geral para as considerações finais.

O encontro foi enriquecido ainda por momentos de diálogo, fraternidade e esporte, consolidando os vínculos entre os confrades e fortalecendo o caminho da Província.



7 de janeiro, Encontro provincial

Após a celebração da Missa, grande parte dos membros da Província Saint Nicholas of Tolentino reuniu-se para um momento de

comunhão à mesa, em espírito de comunhão sacerdotal e religiosa. O encontro serviu também para a organização de parte das atividades provinciais e para dar início às transferências de alguns religiosos.



7 de janeiro, Nova Comunidade religiosa

Em conformidade com as disposições do último Capítulo provincial, o Prior provincial, Fr. Luigi Kerschbamer, após a ereção canônica da nova Comunidade de São Nicolau de Tolentino em Porac, Pampanga, na Arquidiocese de San Fernando, acolheu a Profissão de fé do Prior local e oficialmente

empossou Fr. Crisologo Suan, juntamente com os membros da comunidade Fr. Ryan Ragaza e Fr. James Dobles.

O início da nova comunidade representa uma etapa significativa na vida e na missão da Província Saint Nicholas of Tolentino, renovando o compromisso de serviço ao povo de Deus e de promoção das vocações religiosas e sacerdotais.



Cebu City – Filipinas

7–8 de janeiro, Simpósio sobre as Fontes da nossa espiritualidade

O Saint Monica Institute of Theology (SMIT) inaugurou o novo ano acadêmico com um Simpósio dedicado ao aprofundamento da nossa espiritualidade agostiniana descalça, seguindo as conferências realizadas em Roma durante o Congresso sobre as Fontes da Espiritualidade, ocorrido no mês de outubro de 2025.

O simpósio foi aberto pelo Prior provincial, Fr. Luigi Kerschbamer. Em seguida, os

seguintes confrades apresentaram as suas palestras:

Fr. Noel Cerna, Prefeito dos Estudantes, com a intervenção *“A Espiritualidade OAD: fontes primárias e históricas”*; Fr. Anthony Duong Xuan Tien, ex-aluno do Instituto, que apresentou *“As Fontes complementares: expressão viva da nossa espiritualidade”*; Fr. Renan Obregon, que discorreu sobre *“Constituições e Diretório: códigos normativos da nossa espiritualidade”*; Fr. Joel Manuel concluiu com *“Ritual: celebração litúrgica da nossa espiritualidade”*.



Roma – Itália

31 de janeiro – 1º de fevereiro, Encontro dos Conselhos gerais e provinciais da Família agostiniana

O encontro foi inspirado no lema do Papa Leão XIV: *In Illo uno unum*, expressão profundamente enraizada na espiritualidade agostiniana.

Participaram do encontro membros da Cúria geral, Fr. Diones Rafael Paganotto e Fr. Airton Mainardi, e da Cúria provincial na Itália, Fr. Jan Derek Sayson, Fr. Leandro Xavier Rodrigues, Fr. Alejandro Remolino Jr. e Fr. Gregorio Cibwabwa.

O primeiro dia contou com a palestra de Rosanna Virgili, que ofereceu uma profunda reflexão sobre o tema: *“Vinde à parte, vós sós, e descansai um pouco”* (Mc 6,31), colo-

cando em evidência a originalidade da liderança de Jesus, capaz de conjugar autoridade, serviço e cuidado das relações. Em seguida, às 12h30, foi celebrada a Missa, presidida por Fr. Diones Rafael Paganotto.

À tarde, a palestra da Irmã Simona Paolini aprofundou o tema jurídico e canônico à luz do texto paulino: *“Nele nos escolheu antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele, na caridade”* (Ef 1,4), propondo uma meditação sobre a “in-existência” em Cristo como fundamento da comunhão eclesial e fraterna.

O dia 1º de fevereiro foi dedicado a momentos fraternos, diálogo e workshops, favorecendo uma troca sincera de experiências, reflexões e perspectivas pastorais, em um clima de escuta recíproca e corresponsabilidade.



Frosinone – Itália

19–23 de fevereiro, Visita canônica do Prior geral

O Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, acompanhado pelo Secretário geral, Fr. Diones Rafael Paganotto, realizou a Visita canônica à Residência Madonna della Neve.

Durante os dias passados em Frosinone, os Visitadores partilharam a vida ordinária da fraternidade, participando da oração comunitária, dos momentos de convivência e das atividades pastorais do Santuário-paróquia. Não faltaram os colóquios pessoais do Prior

geral com cada religioso, ocasião privilegiada de escuta, verificação e encorajamento.

Conforme previsto pelo direito próprio da Ordem, foram examinados os principais âmbitos da vida comunitária: as pessoas, a organização dos espaços e o cuidado com os *Registros*, em espírito de corresponsabilidade e de comunhão.

Entre os momentos significativos ocorreram os encontros com o Bispo de Frosinone, Dom Santo Marcianò, com os colaboradores do Santuário-paróquia e com o grupo de Escoteiros.





Roma – Itália

21 de fevereiro, Encontro dos Jovens religiosos agostinianos

Realizou-se, no Mosteiro Santi Quattro Coronati, o Encontro dos Jovens religiosos e religiosas agostinianos, sobre o tema *In illo uno unum*. Entre os momentos centrais destacaram-se a mensagem gravada do Papa Leão XIV e as conferências de Rosanna Virgili

sobre o tema *In illo uno unum: Reconciliados em um único Corpo* e de Fr. Kolawole Chabi sobre *Unum na Regra, na eclesiologia de Santo Agostinho e no Pontificado de Leão XIV*.

O encontro foi dirigido especialmente aos jovens Professos simples desde 2010 até hoje, e entre os participantes estavam também alguns dos nossos Professos do Colégio Internacional Fr. Luigi Chmel, em Roma.



Spoletto - Itália

26 de fevereiro - 2 de março, Visita canônica do Prior geral

O Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, e o Secretário geral, Fr. Diones Rafael Paganotto, realizaram a Visita canônica à Residência Santa Rita, passando alguns dias junto aos confrades para se inteirar da vida

comunitária e das principais atividades realizadas.

A visita foi um momento precioso de escuta, verificação e encorajamento, enriquecido também por momentos de partilha fraterna e encontros com o Arcebispo de Spoleto, Dom Renato Boccardo, com os colaboradores da Paróquia e com a equipe da Pievânia de San Ponziano.



Mensagem do Prior geral

A importância de ser missionários

Fr. Nei Márcio Simon, oad



Caríssimos confrades, afiliados e amigos, ser missionário hoje significa deixar-se transformar pelo amor de Cristo, acolhendo o Seu convite para sair de nós mesmos e ir ao encontro dos outros. A missão não é apenas uma ação exterior, mas constitui uma dimensão profunda da nossa identidade agostiniana. Somos chamados, portanto, a viver a comunhão fraterna, a buscar juntos a Verdade e a nos doar com humildade e alegria. Levar a luz do Evangelho aos lugares muitas vezes esquecidos é uma responsabilidade que nasce da consciência de termos sido pessoalmente tocados pelo amor de Deus.

No caminho missionário, a nossa própria vida torna-se Evangelho vivo. Cada gesto de caridade, cada encontro autêntico e cada escuta atenta são modos concretos pelos quais anunciamos a Boa Nova, mesmo sem palavras.

A missão nos pede que nos tornemos peregrinos da esperança, abertos às surpresas do Espírito Santo e atentos a reconhecer a presença de Deus nos sinais do cotidiano. É fundamental recordar que a missão nasce

da oração e se alimenta da Eucaristia, fonte inesgotável de força e perseverança.

Santo Agostinho nos diz: *“Corramos, pois, meus irmãos, corramos e amemos Cristo. [...] Estende a tua caridade por todo o mundo, se queres amar Cristo; porque os membros de Cristo estão espalhados por todo o mundo. Se amas somente uma parte, estás dividido, já não te encontras unido ao corpo”* (In Ep. Jo. 10,8).

Este ensinamento nos impulsiona a discernir com coragem e humildade o caminho a seguir. Portanto, confiemo-nos totalmente à vontade do Senhor, permanecendo fiéis ao carisma que recebemos.

Convido-vos a perseverar com coração aberto, certos de que o Senhor nunca nos deixa sozinhos. A Sua presença acompanha os nossos passos, sustenta-nos nas dificuldades e renova a nossa esperança a cada dia. Juntos, podemos ser testemunhas autênticas de uma missão que nasce do amor e se realiza na comunhão e no serviço.

Bom caminho!

